

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TABELAS DE ANÁLISE DO CONTEXTO FAMILIAR

**Tabela 1**

*Nível de escolaridade do grupo de pais*

	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior	Sem informação
Pai	1	2	2	4	2	9
Mãe	0	2	9	5	1	3

*Nota.*

*Dados retirados do PPS 2017-2018.*

**Tabela 2**

*Situação Profissional dos Pais*

	Empregados	Desempregados	Reformados	Sem Informação
Pai	13	3	0	4
Mãe	10	6	1	3

*Nota.*

*Dados retirados do PPS 2017-2018.*

**Tabela 3***Constituição do Agregado Familiar*

Crianças	Nº de Irmãos	Estrutura Nuclear	Estrutura Monoparental Feminina	Estrutura Monoparental Masculina	Agregado Familiar com outros parentes
AM	2	x			
AF	0		x		x
AL	0	x			
AN	2	x			
BI	0	x			
CE	S/I				x
DA	2	x			
DE	3	x			x
EV	1	x			
FL	1	x			
HE	S/I		x		x
MA	S/I				x
ML	1	x			x
MO	0			x	
PE	0				x
RA	1		x		
RO	0	x			
SL	1		x		
ST	7				x
WL	S/I		x		

*Nota. Dados obtidos através de consulta presencial.*



## ANEXO B – CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS



INSTITUTO  
POLITÉCNICO  
DE LISBOA



ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DE LISBOA

Olá família,

No âmbito do Projeto “O Arco-Íris” que estamos a desenvolver na Sala Amarela, gostaríamos de convidar-vos a participar nas nossas atividades. Para tal, gostaríamos de saber se têm disponibilidade para aceitar o nosso convite e dar o vosso contributo. Afinal, aprender a brincar é a melhor coisa do mundo e estar com as nossas crianças é maravilhoso!

Qual o vosso talento? Contar uma história? Fazer massa de moldar? Brincar com as cores? Fazer ciência? Fazer magia? Há tanta coisa que podemos fazer para ir à descoberta do mundo.

As atividades decorrem no período da manhã, entre as 9:00 e as 11:00.

1. No âmbito deste projeto, que tipo de atividade gostariam de realizar na companhia das crianças?

---

2. Caso tenham disponibilidade, indiquem-nos o dia da semana em que podemos contar com a vossa presença.

---

A Estagiária

Joana Gomes

## ANEXO C – ROTEIRO ÉTICO

Princípios éticos e deontológicos no trabalho de investigação com crianças (Tomás, 2011)	Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2011)	O que fiz para dar resposta a estes princípios
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetivos do trabalho;</li> <li>- Fundamentos;</li> <li>- Planificação e definição dos objetivos e métodos de investigação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeitar cada criança (...) numa perspetiva de inclusão e igualdade de oportunidades;</li> <li>- Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance;</li> <li>- Promover a aprendizagem e a socialização, (...) estimulante, lúdica;</li> </ul>	<p><b>Com as crianças:</b></p> <p>Estive sempre atenta às suas necessidades e interesses de forma a assegurar uma prática responsiva, adequando a minha prática e as minhas propostas.</p> <p>Durante todo o período de estágio foi respeitada a individualidade de cada criança (interesses, ritmos e vontades).</p> <p>O facto de não me impor às crianças e de lhes explicar os meus objetivos, permitiu que utilizasse o meu bloco, sem causar um impacto negativo na rotina das crianças.</p> <p>O facto de me convidarem a participar nas suas brincadeiras, permitiu que interviesse sem me impor.</p> <p>No âmbito da minha prática e da minha investigação, foi possível atuar de acordo com os princípios pedagógicos que defendo, definindo, assim, a minha intervenção pedagógica e estando em plena sintonia com a equipa educativa de sala.</p> <p><b>Com a equipa educativa:</b></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Re-equacionar a minha ação de acordo com os desafios emergentes;</li> <li>- Colaborar com a entidade empregadora (neste caso como estagiária) na prossecução (...) do bem-estar da criança;</li> </ul>	<p>Desde o momento em que integrei a equipa de sala, foi minha intenção assegurar um trabalho cooperativo. Nas primeiras semanas, foi possível observar e perceber a dinâmica e rotina da sala e do grupo, tornando mais fácil colaborar em todos os momentos da rotina.</p> <p>Fui sempre comunicativa e demonstrei sempre disponibilidade com a equipa. Fui crítica, expondo os meus pontos de vista e, assumi as críticas construtivas por parte da equipa.</p> <p>Explicitiei, sempre, os meus objetivos, tanto os da ação como os da investigação da minha problemática.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Custos e benefícios;</li> <li>- Possível impacto nas crianças;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem;</li> <li>- Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais;</li> </ul>	<p>A problemática em estudo não apresenta custos para as crianças, porém apresenta benefícios, uma vez que as crianças com necessidades educativas especiais vão conseguir participar de forma mais positiva nos momentos da rotina e vão poder contribuir para o desenvolvimento das mesmas, criando um espírito de entreaajuda.</p> <p>Ao nível global, tal como Bogdan e Biklen (2013) mencionam “não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir” (p.75), o que, do meu ponto de vista, é bastante importante e benéfico.</p>

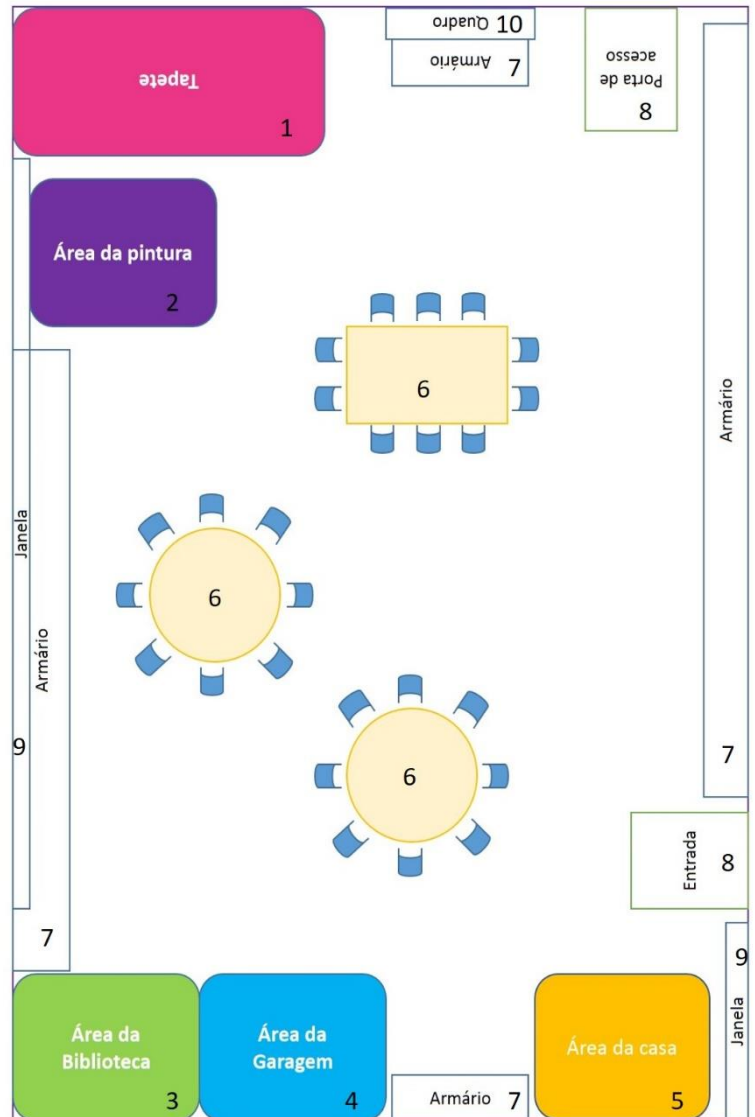
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade;</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeito pela privacidade e confidencialidade,</li> <li>- Uso e relato das conclusões;</li> <li>- Informação às crianças e adultos envolvidos;</li> <li>- Assentimento informado (Ferreira, 2010).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeitar (...) e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações;</li> <li>- Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.</li> </ul>	<p>Para termos uma abordagem ética e responsiva, é crucial termos os nossos princípios e valores bem definidos, pois são eles que orientam a nossa prática. Tendo por base o respeito pelo outro, no decorrer do estágio tive sempre em consideração os princípios éticos presentes. Não direcionados para a investigação, mas para ação, posso salientar que o trabalho com a família e a comunidade também foi baseado numa relação de respeito.</p> <p>A forma como me dirigi às crianças foi clara e tranquila, sendo recebida com ânimo e afeto.</p> <p>O consentimento informado face aos registos fotográficos foi realizado através da assinatura das crianças numa folha, visto que já sabem escrever o seu nome.</p> <p>Ao longo da minha prática foi sempre respeitada a confidencialidade e demonstrado o produto às crianças. As imagens para utilização no contexto foram sempre mostradas às crianças e as imagens para uso científico, neste caso para apresentação à faculdade como um trabalho de carácter avaliativo e de investigação, foram selecionadas de modo a captar pequenos detalhes, sem identificar as crianças. Outro aspeto que demonstra o sigilo e respeito pela instituição é o facto de nunca serem referenciados nomes e o nome do próprio estabelecimento de ensino.</p> <p>A privacidade de cada um, tanto das crianças como dos elementos da equipa educativa foi sempre respeitada.</p>

## ANEXO D – PLANTA DA SALA DE ATIVIDADES

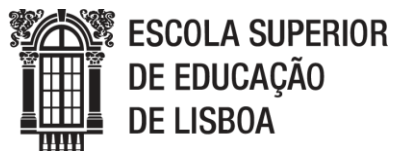
### Legenda:

- 1 - Tapete
- 2 – Área da Pintura
- 3 – Área da Biblioteca
- 4 – Área da Garagem
- 5 – Área da Casa
- 6 – Mesas de Trabalho com cadeiras
- 7 – Mobiliário\*
- 8 – Entrada Principal e Porta de Acesso às Casas de banho
- 9 – Janelas
- 10 – Quadro

\*No mobiliário entre a área da Casa e a área da Garagem encontram-se os puzzles e alguns materiais didáticos; no mobiliário entre a área da Biblioteca e a área da Pintura encontram-se os Jogos de diferentes áreas curriculares.



## **ANEXO E – PORTEFÓLIO**



### **PORTEFÓLIO: PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA II**

**Joana Raquel Costa Gomes**

(2017083)

Escola Superior de Educação de Lisboa

Unidade Curricular da Prática Profissional Supervisionada (módulo II)

**2018-2019**

## ÍNDICE GERAL

<a href="#"><u>INTRODUÇÃO</u></a> .....	2
<a href="#"><u>BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO</u></a> .....	3
<a href="#"><u>NOTAS DE CAMPO</u></a> .....	6
<a href="#"><u>PROPOSTAS DE ATIVIDADES</u></a> .....	24
<a href="#"><u>FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO DE PROJETO REALIZADO</u></a> .....	25
<a href="#"><u>PROJETO “A Cor branca faz o Arco-íris!”</u></a> .....	28
<a href="#"><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></a> .....	39

## INTRODUÇÃO

O presente portefólio surge no âmbito da Unidade Curricular da Prática Profissional Supervisionada (Módulo II) e consiste na apresentação da caracterização do contexto educativo, nos registos de observação, na apresentação das atividades planificadas e respetiva reflexão da prática pedagógica. Este também contempla as atividades surgidas no âmbito do Projeto realizado com as crianças, com recurso à Metodologia de Trabalho por Projetos, no âmbito da Unidade Curricular de Conhecimento e Docência em Educação de Infância.

As atividades propostas foram de encontro às necessidades e interesses das crianças, sendo que a maioria das atividades surgiram de propostas dadas pelas mesmas. As principais intenções da ação pedagógica são possibilitar às crianças desenvolver a sua capacidade de expressão de ideias, vontades e opiniões; potenciar o ímpeto exploratório e a curiosidade sobre o mundo que as rodeia; desenvolver e potenciar o respeito pelo outro; e promover o conhecimento e aquisição de competências inerentes à MTP. Para tal, as interações estabelecidas com as crianças assentam no respeito pela criança, na promoção da participação ativa da criança na construção do seu conhecimento; dar voz às crianças e ouvir as suas vontades; e proporcionar oportunidades diversificadas, de modo a que as aprendizagens sejam significativas.

O presente portefólio não contempla a totalidade de registos da PPSII, assim como não se verifica a existência das reflexões, por motivos informáticos, dado que o disco externo onde colocava toda a minha informação se danificou.

## BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

A presente caracterização do contexto visa a apresentação e caracterização do meio onde o Jardim de Infância se encontra inserido e do grupo de crianças. É importante considerarmos o meio onde o estabelecimento de ensino se encontra inserido, quais as suas potencialidades e fragilidades; as relações com a comunidade; e termos em consideração as características dos diferentes intervenientes no processo educativo. O facto de recolhermos informações sobre o contexto, permite-nos ajustar a nossa prática e adequar todo o processo educativo.

O local onde foi realizada a minha PPSII apresenta uma vertente educativa e social. Indo ao encontro do Projeto Educativo (PE), este encontra-se localizado num Bairro de Sintra, longe das áreas protegidas e do turismo, sendo considerado um bairro de autoconstrução. Designa-se deste modo, porque “padeceu de todos os males dos bairros clandestinos”, sendo “sinónimo de esperança e trabalho para quem não encontrou soluções nas vias institucionais e tomou nas suas mãos o seu futuro.” (p.6)

A sua população atual é bastante heterogénea, tanto a nível da sua diversidade cultural como a nível socioeconómico. Segundo informação do PE, a partir do ano letivo de 1994/95, a população aumentou exponencialmente, devido ao realojamento de famílias provenientes de diversas zonas do país e de pessoas vindas de países africanos (cerca de 30%). Nos últimos anos, verificou-se um acréscimo de cidadãos provenientes dos países do Leste e dos países asiáticos. De acordo com a informação disponibilizada pelos serviços de Ação Social Escolar, a maioria das famílias encontram-se desempregadas ou são beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (RSI).

No que concerne aos serviços locais e ao trabalho desenvolvido com a comunidade, foi possível verificar que na área envolvente dispomos de alguns serviços como o Centro de Saúde; a esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP); a Junta de Freguesia; uma Igreja Católica; um posto dos Correios; um mercado e outras superfícies comerciais; farmácias; várias instituições bancárias; um Centro Social e Paroquial; um centro comunitário; um pavilhão desportivo, entre outros equipamentos.

O meio onde o estabelecimento se insere gera algumas limitações ao processo educativo; mencionando o PE, são consideradas “ameaças” a relação problemática família/escola devido à exclusão social, às barreiras étnicas e culturais, à imigração ilegal e à fraca estruturação familiar.

O grupo de crianças é constituído por vinte crianças, oito do sexo feminino e doze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos. Este é um grupo inclusivo, dado que temos duas crianças com necessidades educativas especiais, uma portadora da Perturbação do Espetro do Autismo (PEA) outra diagnosticada com Paralisia Cerebral (PC) e Surdez. A criança com PEA, foi diagnosticada como sendo um Autismo de grau grave; a criança com PC tem um atraso no desenvolvimento sem etiologia conhecida, que afeta as funções motora, física, a comunicação e a linguagem. Uma das crianças do grupo não está diagnosticada, mas devido a questões genéticas, apresenta graves problemas de visão, revelando várias vezes a dificuldade em ver; outra criança do grupo apresenta dificuldades ao nível da fala, expressa-se oralmente, mas nem sempre é perceptível o que ela verbaliza.

No que concerne à permanência do grupo no estabelecimento de ensino, das vinte crianças, dez entraram este ano letivo para o jardim de infância. O grupo, no ano letivo anterior, foi acompanhado por outra educadora. Atualmente, é acompanhado por uma educadora (que já esteve no agrupamento em anos anteriores e voltou a entrar este ano) e por uma assistente operacional (que costuma acompanhar turmas de ensino especial).

Quanto ao desenvolvimento e aquisição de competências do grupo, foi possível verificar um grupo autónomo, com diferentes níveis de desenvolvimento, seja a nível cognitivo e socio relacional, seja ao nível da linguagem e da motricidade fina e grossa. As crianças do grupo são comunicativas, expressivas, alegres e participativas de acordo com o seu interesse pelas atividades e propostas desenvolvidas. A frequência média diária do grupo é bastante positiva, sendo que diariamente, contamos com a participação da maioria das crianças.

A interação adulto-criança é positiva na medida em que as crianças procuram os adultos para brincar, conversar e pedir apoio, sendo correspondidas as suas expectativas; as interações criança-criança ocorrem com frequência, no entanto, há crianças que preferem brincar sozinhas. Nas suas brincadeiras, são crianças que iniciam o jogo simbólico, imitando as ações dos adultos, nomeadamente fazer comida, falar ao telefone, brincar ao supermercado e brincar com os bonecos, atuando da forma como os adultos atuam na sua rotina.

De acordo com Bhering e Sganderla (2004), “a qualidade da interação professor/criança é importante para a educação infantil” (p.381), na medida em que “o apoio do adulto à vivência de experiências por parte da criança é essencial para a

construção de um ambiente social e emocional conducente à sua saúde mental e capacidade de aprendizagem” (p.381).

As crianças do grupo reconhecem que duas das crianças têm limitações e dificuldades de aprendizagem; no entanto, são compreensivas e tentam ajudar sempre que necessário. É possível verificar momentos de interação entre todas as crianças, com e sem dificuldades de aprendizagem.


Algumas das crianças do grupo encontram-se sinalizadas pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e pela Equipa Local de Intervenção (ELI), bem como pela Técnica do Serviço Social, quer por pertencerem a famílias muito numerosas, quer pelas condições sociais em que vivem. Neste sentido, é importante tentarmos conhecer o ambiente familiar em que as crianças estão inseridas, de modo a podermos apoiar as famílias e a convidá-las a participar no dia-a-dia dos seus filhos, dado que, segundo Pereira (2008), o desenvolvimento da criança deve ser compreendido de forma holística e implica a consideração das transações que ocorrem ao longo do tempo entre o indivíduo e os contextos sociais e ecológicos onde está inserido.

## NOTAS DE CAMPO

Legenda:

■ Interação criança-criança  
 ■ Resolução de Conflitos  
 ■ Interação adulto-criança

### Nota de Campo


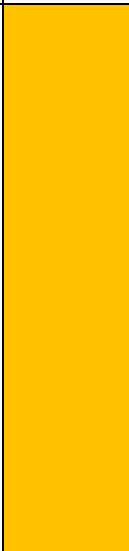
Nota de Campo			
N.º de crianças em sala: 19	Local	Inferências	Tema
Dia: 01 de outubro de 2018			
<p><b>Situação A:</b></p> <p>Enquanto interagia com as crianças do grupo, para as conhecer e aprender os seus nomes, uma das crianças veio ter comigo e chamou-me para eu ver uma coisa:</p> <p>SL - Olha, queres ver o qu'eu sei fazer?                      Eu – Mostra-me lá!                      SL – É um <i>beyblade</i> (pião), olha só bué rápido!                      Eu – Uaaau, consegues pôr o pião a rodar muito rápido.                      SL - Sim, este é o melhor, porque tem estas cores. Queres fazer uma batalha?                      Eu – Eu não sei jogar, podes ensinar-me?                      SL – Aííí, fazes assim... - agarrou na minha mão e manuseou os meus</p>	Sala	<p>O <i>beyblade</i> foi construído com recurso a um jogo matemático e lógico designado “Cubos de encaixe”.</p>  <p>Continuámos a lançar o pião até eu aperfeiçoar a técnica.                      Rapidamente se juntaram mais duas crianças, para participarem na batalha de piões.</p>	

<p>dedos para colocar nos sítios certos, para que eu pudesse rodar o pião – agora lanças.</p> <p>Lancei o pião, com pouco jeito e disse: - Não consigo muito bem.</p> <p>SL - Faz outra vez... Não é assim!</p>			
<p><b>Situação B:</b></p> <p>O F empurra o carrinho do R: Eu - Estás a brincar com o R? F - Sim, sou mãe dele. Eu - E vão passear? F - Vamos às “<i>compas</i>”! (compras). Eu – Boa! Divirtam-se!</p>	<p>Recreio</p>	<p>As restantes crianças brincam no barco de madeira, do recreio, com as crianças da sala azul.</p>	
<p><b>Situação C:</b></p> <p>As crianças brincam ao “faz de conta” na área da casa.</p> <p>Eu – Olá meninos, esta é a vossa casa? E – Não, é o restaurante. Eu – Boa! Posso sentar-me para comer? ST– Sim, tens de pedir a comida.</p>	<p>Sala</p>	<p>Foi possível verificar que há o interesse dos rapazes em brincar com as raparigas na área da Casa. A E e o ST já sabem contar até 20.</p>	

<p>Eu – Quero uma sopa, duas batatas e um peixe, por favor.</p> <p>ST – Está aqui, come.</p> <p>Eu – Obrigada.</p> <p>E– Está bom, Joana?</p> <p>Eu – Está muito bom, mas as batatas não estavam bem cozidas.</p> <p>ST – Agora tens de pagar!</p> <p>Eu – Quanto custa?</p> <p>(A E e o ST contaram até 10.)</p> <p>Eu – Aqui tem, fazendo de conta que dava o dinheiro. Obrigada</p>			
		<p>O grupo é composto por 20 crianças, duas delas com Necessidades Educativas Especiais. Uma das crianças tem autismo de grau grave e outra tem paralisia cerebral e surdez. Grupo heterogéneo com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos.</p>	

### Nota de Campo

Nota de Campo			
<p><b>N.º de crianças em sala:</b> 18</p>	<p><b>Local</b></p>	<p><b>Inferências</b></p>	<p><b>Tema</b></p>
<p><b>Dia:</b> 02 de outubro de 2018</p>			

<p>O D pede para eu jogar com ele um jogo da memória. O ST junta-se a nós e ajuda o D a fazer o jogo.</p> <p>ST – “São 9!”</p> <p>D – “Não, não! Oh, um, dois, três...sete, oito! São oito!”.</p> <p>Posteriormente, contámos em conjunto.</p>	<p>Sala</p>	<p>O jogo consistia em cartões com imagens e cartões com pontos mais o numeral correspondente, sendo que cada cartão correspondia a uma quantidade de 1 a 10.</p>	
<p>Chegou o momento da história. Diariamente, após a canção do “Bom dia”, a educadora conta uma história às crianças.</p>	<p>Sala</p>	<p>Foi possível verificar que o DG não fica sentado no tapete em conjunto com as outras crianças, passeia pela sala ou senta-se compenetrado na área da Biblioteca. O facto de não estar sentado no tapete com as outras crianças, faz com que as mesmas não consigam estar concentradas.</p>	
<p>O AD chama-me e diz:</p> <p>“Joana não consigo abrir as calças...”</p> <p>Eu – “Podes experimentar outra vez, para a Joana poder ajudar-te.”</p> <p>A criança tenta novamente, explico uma forma mais fácil de abrir o botão, tenta mais uma vez.</p> <p>Eu – “Tu consegues!”</p> <p>Acabou por conseguir abrir as calças e disse “Obrigada”.</p>	<p>Casa de Banho</p>	<p>No decorrer da rotina, esta criança não demonstra muita segurança e autoestima, sente a necessidade de dizer “eu não consigo” e pedir ajuda.</p> <p>Esta insegurança pode estar ou não associada ao facto de ter problemas visuais, que segundo informação por parte da educadora cooperante pode estar associada à genética, dado que</p>	

<p>Após fazer as necessidades fisiológicas, quando vai para lavar as mãos, volta a dizer:</p> <p>AD – “Não consigo lavar, molho a roupa.”</p> <p>Eu – “Experimenta lá, desta vez não te vais molhar!”</p> <p>A criança abre a troneira com muita força.</p> <p>Eu – “Tens de abrir mais devagarinho, assim a água sai com muita força e quando colocamos as mãos para lavar, ficamos todos molhados. Vê lá agora.” (fecho um pouco a torneira)</p>		<p>o seu pai é cego e a mãe também tem um nível de visão muito reduzido.</p>	
<p>O Ms não verbaliza muito e interage pouco com as restantes crianças. Demonstra estar cansado.</p>	<p>Sala</p>	<p>A criança com Paralesia Cerebral não vem.</p>	

### Nota de Campo

N.º de crianças em sala: 19	Local	Inferências	Tema
Dia: 03 de outubro de 2018			

<p>À medida que chegam, as crianças vão-se sentando e escolhem jogos de mesa para fazer.</p> <p>Enquanto aguardávamos a chegada de todos, a educadora dinamizou uma pequena atividade de mímica, em que cada criança ia ao tapete e tinha de imitar algo.</p> <p>10:30 visita ao Parque, próximo do Jardim de Infância. No percurso, as crianças vão duas a duas, em comboio. A educadora vai a acompanhar o grupo à frente e a assistente operacional vai no fim do comboio.</p>	<p>Sala</p>	<p>O R só vem à tarde. Tem terapia no hospital.</p> <p>Observei que todas as crianças recorreram a imitações de animais saltitantes e duas imitaram unicórnios. Verifica-se a necessidade de se imitarem uns aos outros, verem o outro como exemplo.</p> <p>A educadora disse às crianças que podiam imitar outras coisas para além dos animais e deu exemplos, representando. As crianças foram tentando adivinhar o que era.</p> <p>A ida ao parque foi em conjunto com as outras salas de JI</p>	
<p>As crianças comem a fruta no jardim. Para ser mais prático e dada a dificuldade que têm em comer alguns tipos de fruta, hoje comeram uvas.</p> <p>O DG pega em pedras e põe na boca. Nos baloiços, fica a andar de um lado para o outro do passadiço, mas não</p>	<p>Parque</p>	<p>O DG não quer comer as uvas, vira a cara e empurra a nossa mão ou então pega nas uvas e atira para o chão.</p>	

<p>desce no escorrega. Não interage com as restantes crianças.</p>			
<p>No regresso à escola o W diz  “A minha mão está molhada do quente.” – recusando a dar a mão à M.  Eu – “É o calor que faz com que as nossas mãos transpirem. Quando chegarmos à escola, já vamos lavar, está bem? Podes dar a mão à M?”  O W volta a dar a mão.</p>	<p>Rua</p>	<p>O W e o AF foram o caminho todo a provocar-se, a dar pontapés e a puxar a roupa. O W disse ao AF que lhe partia a mão e o AF respondeu que ia chamar a polícia com o telemóvel novo do pai.</p>	
<p>Após chegada à escola, as crianças despem os casacos e sentam-se nos seus lugares. A educadora dá indicação para irem à casa de banho. Primeiro vai a mesa verde, depois a azul e depois a vermelha.</p>	<p>Sala</p>	<p>As mesas estão separadas por cores e as crianças estão divididas por idades. A mesa vermelha é das crianças com 5 anos; a verde é das crianças mais novas da sala e a azul das crianças com 4 anos.</p>	
<p>O grupo está um pouco agitado.  Eu – “Meninos, temos de descansar um bocadinho, para ganharmos energia.”  F – “O que é a energia?”  Eu – “é quando estamos muito bem-dispostos e com vontade de correr e brincar”.</p>	<p>Sala</p>	<p>Enquanto aguardamos todos os elementos do grupo, a educadora diz para baixar a cabeça na mesa para descansarem um bocadinho.</p>	

<p>Aproxima-se a hora do almoço, a B vem ter comigo e diz – “Ficas pé de mim na hora do ‘moço?’” – com uma expressão mais triste. Digo-lhe que sim, que fico e peço para não ficar triste e para não chorar, porque a comida é muito importante e faz muito bem para nós podermos crescer. Ela levanta o braço e abre a mão, mostrando os cinco dedos e diz “São só cinco!” – em casa, contam o número de colheres que ela come, para que consigam que ela coma, sem se sentir frustrada com o momento de refeição. Respondo-lhe que já vamos ver quantas é que ela consegue comer, porque está a crescer e se calhar já consegue comer mais que cinco.</p>			
<p>O D reage ao barulho, começa a mexer a cabeça e a fazer movimentos bruscos, enquanto tentamos dar-lhe o segundo prato. Sente necessidade de bater com o garfo na mesa, para se concentrar. Quando tiramos o garfo começa a vocalizar sons e a chorar.</p>	Refeitório		

**Nota de Campo**

<b>Nota de Campo</b>			
<b>N.º de crianças em sala: GREVE</b>	<b>Local</b>	<b>Inferências</b>	<b>Tema</b>
<b>Dia: 26 de outubro de 2018</b>			

**Nota de Campo**

<b>Nota de Campo</b>			
<b>N.º de crianças em sala:</b>	<b>Local</b>	<b>Inferências</b>	<b>Tema</b>
<b>Dia: 31 de outubro de 2018</b>			
<b>ATIVIDADES HALLOWEEN</b>			

**Nota de Campo**

<b>Nota de Campo</b>			
<b>N.º de crianças em sala: 18</b>	<b>Local</b>	<b>Inferências</b>	<b>Tema</b>
<b>Dia: 01 de novembro de 2018</b>			
<b>Situação A:</b>	Sala		

<p>SL – “Tia olha o meu telefone!”</p> <p>Eu – “Onde estão as teclas dos números?”</p> <p>O SL encolheu os ombros.</p> <p>Eu – Posso dar uma sugestão?</p> <p>SL – Hum, hum... – disse acenando a cabeça no sentido afirmativo.</p> <p>Eu – Para distinguires os números das outras teclas, como tentaste fazer, podes utilizar a mesma cor no meio.</p> <p>SL – Ok.</p>		<p>A criança chama-nos, por vezes, de “Tia” porque é assim que chama as adultas cuidadoras no ATL que frequenta.</p> <p>O telefone foi construído com recurso aos “Cubos de encaixe” coloridos (esta criança brinca frequentemente com este jogo).</p>	
<p><b>Situação B:</b></p> <p><b>A</b> - “Vou arregaçar as mangas porque o pincel pode escapar”. – disse para a M.</p> <p>M – “Ficas suja!”</p> <p>A – “Não fico não!”</p> <p>Passado poucos minutos:</p> <p>A – “Eu não quero fazer mais trabalhos, estou a ficar cansada. Hoje à noite não dormi.”</p> <p>M – “Eu também. Oh A tens de dormir!”</p>	<p>Sala</p>	<p>Enquanto recortava os contornos das pinturas realizadas pelas crianças, estava atenta à comunicação das crianças. Na mesa vermelha, as crianças pintavam uma ficha ilustrativa alusiva a um fruto do Outono, com tinta guache.</p>	
<p><b>Situação C:</b></p>		<p>A criança suspirou e voltou para o seu lugar.</p>	

<p>E - “Já acabei.”</p> <p>Educadora – “Não acabou, achas que isso está bem?! Uma menina de 5 anos...vai pintar melhor!”</p>			
<p><b>Situação D:</b></p> <p>AX - “Joana, não consigo pintar isto tudo.”</p> <p>Eu – “Não consegues ou não tens vontade?”</p> <p>AX - “Não quero.”</p> <p>A MI intervém:</p> <p>- “Joana, não gosto da escola. Brincar é a melhor parte.”</p> <p>Eu – “Porque é que não gostas da escola?”</p> <p>ML – “Porque é muitas coisas”.</p> <p>Eu – “São muitos trabalhos?”</p> <p>MI – “São.”</p> <p>Eu – “Já estás a acabar, para ires brincar.”</p> <p>Quando voltava para o local onde estava sentada, a MI chama e diz:</p> <p>- Oh Joana não quero acabar isto tudo hoje!</p>		<p>Esta situação ocorreu quando me dirigi à mesa verde, para verificar se era necessário afiar algum lápis ou se estava tudo bem.</p>	

<p>(franzindo a cara, com os braços esticados para baixo e com as mãos fechadas, dando pequenos pulos)</p>			
<p><b>Situação E:</b></p> <p>F – “B já ‘cabei!”</p> <p>Educadora – “Não acabou nada, isso está incompleto, faltam bolinhas.”</p> <p>F – “Oh B estou com sono.” (dirigindo-se para o lugar)</p> <p>A M intervém:</p> <p>M – “Estás com sono ou estás cansado, F?”</p>		<p>A atividade realizada pela criança consistia em fazer pequenas bolas com o papel crepe e na colagem das mesmas no interior do fruto que estava desenhado.</p>	
<p>Hoje, na hora de refeição, começámos a ajudar o D a pegar na colher, de forma a promover a alimentação com os talheres e não com a mão. A sua tendência é segurar a colher numa mão e ir com a outra ao prato. O objetivo é segurarmos a colher em conjunto e fazer o movimento do prato à boca, repetidamente, para que possa perceber a causa-efeito.</p>	<p>Refeitório</p>		

<p><b>Reflexão:</b> Este dia foi dedicado à conclusão de fichas ilustrativas sobre o Outono, as crianças não brincaram e estavam a sentir-se cansadas. O excesso de atividades, do meu ponto de vista não é saudável, desmotiva as crianças.</p>			

Nota de Campo			
N.º de crianças em sala: 17	Local	Inferências	Tema
Dia: 06 de novembro de 2018			
<p>Hoje foi-me proposto dinamizar a “Hora do Conto” e, de modo a dar seguimento a uma dinâmica ocorrida na Biblioteca, no contexto da aprendizagem das cores, selecionei o livro “Mistura as Cores” de Hervé Tullet.</p> <p>Eu - “O que acontece às outras cores se misturarmos o branco?”</p> <p>A - “A cor branca faz o arco-íris!”.</p> <p>Eu - “Como é que a cor branca faz o arco-íris?” - ela não me soube responder e ficou tímida; tentei que as crianças do grupo ajudassem, mas não conseguimos chegar a uma resposta. Eu - “O que acontece à cor azul se misturarmos um bocadinho de</p>	Sala	<p>À medida que avançávamos na história, as crianças iam interagindo e realizando as tarefas que o autor referencia.</p> <p>Ainda há crianças do grupo com dificuldade em identificar as cores.</p> <p>A questão do F levantou algumas interrogações, nomeadamente “Como se forma o arco-íris?”</p> <p>Deu origem ao Projeto “A cor branca faz o arco-íris!”.</p>	

<p>cor branca?” - algumas crianças responderam “Faz o azul clarinho”. Continuei a história e no final da história perguntei se já sabiam porque é que a cor branca fazia o arco-íris e das variadas respostas...</p> <p>F - “Porque o branco tem muitas cores”.</p> <p>Eu – “Têm? O que vocês acham de descobirmos porque é que a cor branca faz o arco-íris?”.</p> <p>As crianças gritaram “SIIM</p>			
<p>Hoje, a meio da manhã, o SI veio perguntar-me que horas são. Expliquei-lhe que íamos comer a fruta e que depois ainda íamos brincar. E ele perguntou: “Está quase na hora do almoço?”. Olhei para o relógio da sala e expliquei-lhe, apontando para o mesmo, “quando o ponteiro pequenino estiver no número 11 (que é o número com os dois “uns”) e o ponteiro grande estiver no 8, já está na hora de irmos almoçar”. Ele responde: “Está bem. Tu ficas connosco até à tarde ou vais-te embora? E eu respondi: “Fico até ao</p>	Sala		

<p>almoço, porque hoje vou trabalhar.” e ele disse “Ficas ao pé de mim e da B?” e eu disse “Fico, mas têm de comer sem chorar.”</p>			
---	--	--	--

### Nota de Campo

N.º de crianças em sala: 19	Local	Inferências	Tema
Dia: 07 de novembro de 2018			
<p>As crianças fazem as colagens das folhas de Outono que apanharam no Recreio. Na folha, a educadora escreve o início da canção infantil “Quando chega o Outono... caem as folhinhas...”. As crianças que já fizeram esta atividade, estão com a educadora a decorar a sua “Maria Castanha” – atividade alusiva ao S. Martinho (Magusto).</p>		<p>A canção “Quando chega o Outono voa a Andorinha” foi a canção que as crianças aprenderam alusiva ao Outono.</p>	

**Nota de Campo**

N.º de crianças em sala: 19	Local	Inferências	Tema
Dia: 12 de novembro de 2018			
<p style="text-align: center;"><b>CELEBRAÇÃO DE S. MARTINHO</b></p> <p style="text-align: center;">Esta dinâmica ocorreu na escola, com toda a população escolar.</p>			

**Nota de Campo**

N.º de crianças em sala:	Local	Inferências	Tema
Dia: 20 de novembro de 2018			
<p style="text-align: center;"><b>CELEBRAÇÃO DO DIA NACIONAL DO PIJAMA</b></p> <p style="text-align: center;">Esta dinâmica ocorreu na escola, com toda a população escolar. Dançamos todos juntos a Canção do Pijama.</p>			

**Nota de Campo**

N.º de crianças em sala:	Local	Inferências	Tema
Dia: 04 de dezembro de 2018			

## Visita ao Circo

### Nota de Campo

Nota de Campo			
N.º de crianças em sala: 19	Local	Inferências	Tema
Dia: 08 de janeiro de 2019			
<p>O D foi ter comigo, empurrou-me, para que eu me movimentasse, até ao armário onde se encontra a caixa das bolachas. Como eu fiquei de costas para o armário, ele virou-me e de seguida, pegou no meu braço e tentou movê-lo para cima, em direção à caixa das bolachas.</p>	Sala		

### Nota de Campo

Nota de Campo			
N.º de crianças em sala:	Local	Inferências	Tema
Dia: 12 de fevereiro de 2019			
<p>O Al chama-nos e diz: <i>“Olha um bicho!”</i> – enquanto olhava para a parede exterior da sala. Eu e a educadora fomos ver e logo todas as crianças foram observar.</p>	Recreio		

<p>Eu – “Sabes que bicho é esse?” e a Am disse “É um grilo!”.</p> <p>Educadora – “Não é um grilo, é um gafanhoto. Os grilos são mais pequeninos!”</p> <p>Ce – “Sim, este é muito grande e tem umas coisas aqui! – enquanto apontava para as antenas do gafanhoto.</p> <p>Am – “Mas os grilos também saltam!”</p> <p>MI – “Podemos levar o gafanhoto para a sala?”</p> <p>Eu – “Só se tratarmos bem dele e depois voltarmos a pôr natureza.”</p> <p>MI – “Sim, vamos dar folhas verdinhas!”</p>			
--	--	--	--

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Dinâmica organizada com a parceira de estágio, no âmbito da celebração do Halloween

<b><u>Atividade – Apresentação da história “Desculpa... Por acaso és uma bruxa?”</u>, de Emily Horn e Pawet Pawlak</b>		
<b>Público-alvo</b>	<b>Recursos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>
4 salas de jardim de infância;  Crianças entre os 3 e os 6 anos de idade.	- Foco de luz - Lençol branco; - Máscaras de bruxas; - Coluna; - Enciclopédia; - Figura de gato em cartão; - Sacos de plástico pretos.	- Envolver as crianças num mundo de fantasias e imaginação;  - Introduzir o conceito de teatro de sombras;
<b>Descrição da atividade:</b>  - Inicialmente, a sala onde irá decorrer a atividade, será preparada, cobrindo as janelas com sacos de plástico pretos para tentar que a sala fique o mais escura possível. Colocaremos também o lençol branco pendurado e o foco de luz direcionado para o “público”. Por fim, colocaremos as crianças sentadas de frente para o lençol branco;  - As duas bruxas surgem à procura da Bruxa Mimi, mas, como não a conseguem encontrar, dão a ideia de contar uma história alusiva ao Halloween a todas as crianças.  - No final da história, após as duas bruxas surgirem por detrás do lençol, aparece a sombra de uma outra bruxa por detrás do lençol. Quando vamos a baixar o lençol, vemos a Bruxa Mimi que as crianças tanto gostam.		

## FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO DE PROJETO REALIZADO

A metodologia de trabalho de projeto, tem como base os interesses, questões e interrogações das crianças (Rangel & Gonçalves, 2010) e partindo dessa base a elaboração de projetos promove a aprendizagem de competências e conteúdos que decorrem desses mesmos projetos.

Um dos constrangimentos para a elaboração do projeto surgiu logo no princípio, não estando as crianças habituadas a esta metodologia de trabalho dificultou o avanço do projeto, visto que são crianças que aceitam facilmente as respostas dos adultos e não se questionam. Desta forma, procurei interagir nas suas brincadeiras, ouvi-las a partilharem ideias umas com as outras e provocando, colocando algumas questões; estar atenta às suas conversas de forma a encontrar alguma questão que suscitasse curiosidade por parte do grupo de crianças.

Para chegarmos à questão do projeto foi necessário promover momentos e atividades que pudessem despoletar o interesse nas crianças. Foi, então, que através de um momento da rotina surgiu a curiosidade e o interesse por algo que lhes era desconhecido, o mundo das cores. Indo ao encontro de Katz e Chard (2009),

as crianças não têm de ficar fascinadas, encantadas, enfeitadas ou atraídas por um tema. (...) uma das potenciais mais-valias de um bom trabalho de projecto é fortalecer as predisposições das crianças para se interessarem, se ocuparem e se envolverem numa observação aprofundada, numa investigação e na representação de fenómenos do ambiente que as rodeia merecedores de atenção. (p. 123)

Através da exploração das cores, pretendia que as crianças aprofundassem os seus conhecimentos relativos à temática e descobrissem porque é que afinal “a cor branca faz o arco-íris”. Dado o tema envolver questões relacionadas com a Física, acabámos por promover o contacto com novas experiências que suscitaram a sua curiosidade e o interesse por explorar, descobrir e compreender o mundo que as rodeia. Perceber como se forma o arco-íris suscitou grande interesse no grupo. De acordo com Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) “os conhecimentos da meteorologia são aspetos

que interessam às crianças e que podem ter um tratamento mais aprofundado, para além da sua observação e registo” (p.91).

Para a concretização do projeto e tendo em consideração as intenções apresentadas, foram definidos alguns objetivos, tanto na ótica da criança, como na ótica do educador, visto que este tem um papel essencial para ajudar a criança no desenvolvimento das suas competências. Na ótica da criança, os objetivos traçados são: identificar e diferenciar as cores primárias e as cores secundárias; perceber o fenómeno do arco-íris; explorar as diferentes técnicas de expressão plástica; trabalhar colaborativamente com o outro; e questionar e exprimir as suas opiniões e interesses. Na ótica do educador, os objetivos traçados são: promover a autonomia e a tomada de decisões; cooperar com os outros no processo de aprendizagem; promover uma aprendizagem ativa; promover o ímpeto exploratório; estimular o desenvolvimento de atitudes científicas; envolver as famílias no processo de aprendizagem; e valorizar a participação das famílias. Para as atividades desenvolvidas ao longo do projeto foram definidos objetivos e intencionalidades educativas, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

A elaboração do projeto “A cor branca faz o arco-íris!”, seguiu as diretrizes da MTP que, indo ao encontro de Leite, Malpique & Santos (1989:140), citados por Vasconcelos (2011), consiste numa “metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados” (p.10). Como já referido anteriormente, os participantes fizeram parte de todas as fases do projeto, com uma participação ativa, explicitando e demonstrando o que queriam fazer e como fazer.

O projeto realizado foi construído e organizado de acordo com as fases definidas por Vasconcelos (1998), que são:

- **Fase 1 - A definição do problema**, de onde resultou a elaboração das teias “O que já sabemos?” e “O que queremos saber?” e pelas quais foi orientado todo o projeto;
- **Fase 2 - Planificação e desenvolvimento do trabalho**, onde foi decidido “Como vamos descobrir?” e “Que atividades queremos fazer?”, de onde resultam todas as ideias do que as crianças quiseram realizar sobre o projeto, como queriam descobrir e quem queriam que participasse;

- **Fase 3 - Execução**, esta é a fase de desenvolvimento do projeto mais longa, dado que é nesta fase que as crianças partem para o processo de pesquisa e de investigação, sendo realizadas as atividades que vão procurar responder às questões inicialmente formuladas;

- **Fase 4 - Divulgação e avaliação** do projeto, é nesta fase que as crianças que participaram no projeto comunicam todo o processo e as aprendizagens obtidas à restante comunidade educativa e famílias. Relativamente à avaliação, esta foi realizada durante todo o projeto, todavia, no final do mesmo, reunimo-nos em grande grupo e individualmente, de forma a ouvir todas as opiniões acerca do trabalho realizado e não influenciando as respostas das crianças.

Tal como defende Katz, Ruivo, Silva e Vasconcelos (1998) embora categorizadas, estas fases não “são compartimentos estanques, antes estão interligadas”, (p. 139). Isto porque, a primeira fase dá origem à segunda, e assim sucessivamente, e durante as últimas fases (execução e/ou avaliação) podem surgir novas questões ou problemáticas que suscitem um novo projeto (Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos, 1998).

Na concretização da Fase I, as crianças apresentaram dificuldade na elaboração das teias, sendo necessário o estímulo por parte do adulto. Esta questão pode estar associada ao facto de o grupo de crianças não estar habituado a esta metodologia de trabalho e ao facto das crianças não conseguirem estar concentradas durante muito tempo nos momentos de grande grupo. As crianças, embora tenham momentos de grande grupo, não têm, ainda, bem desenvolvida a capacidade de estar sentadas a ouvir a opinião dos outros e esperar pela sua vez de falar, o que faz com que por vezes se distraiam e dispersem ou tentem falar todas ao mesmo tempo, causando desinteresse na abordagem realizada.

Considero, de um modo geral, que as crianças estiveram envolvidas na planificação do trabalho a realizar, tanto a nível conceptual como funcional (Gonçalves & Rangel, 2010, p. 23). No decorrer das atividades do projeto, elas próprias já questionavam se iam todos realizar as atividades ou se só alguns é que iriam participar; e solicitavam a repetição de algumas atividades, o que demonstra o seu interesse pelo projeto.

## PROJETO “A Cor branca faz o Arco-íris!”

Na Fase 1- Definição do Problema, tendo em consideração as características do grupo enunciadas anteriormente, que remetiam para as dificuldades de exposição dos seus interesses e de questionamento, demos início ao projeto partindo da afirmação de uma criança acerca da história das cores que estávamos a dinamizar para questionar o restante grupo sobre a temática. Após a dinâmica e debate ocorrido sobre a cor branca, em grande grupo demos início à construção das teias “O que sabemos?” e “O que queremos saber?”.

No dia da realização da teia foi efetuado o registo fotográfico, no entanto, por questões informáticas, os registos foram perdidos, não sendo possível anexar as fotografias ao relatório.

O que sabemos?	O que queremos saber?
“O arco-íris aparece com o sol e com a chuva” (E)	“Porque a cor branca faz o arco-íris?” (A)
“É azul” (A)	“O arco-íris faz-se sem chuva?” (M)
“O arco-íris está longe.” (P)	“Podemos tocar no arco-íris com um avião?” (S)
“O arco-íris tem 7 cores.” (R)	“O arco-íris acaba?” (SI)
“Quando tiramos ouro ao arco-íris ele perde cores” (Af)	
“É verde e verde-claro e amarelo” (M)	
“É laranja” (C)	
“É rosa, roxo e amarelo.” (B)	
“Quando o arco-íris aparece, ele fica lá fora.” (P)	
“No outro dia vi o arco-íris e não estava a chover.” (ML)	

Tabela 1 - Registo das teias “O que sabemos?” e “O que queremos saber?”

A Fase 2- Planificação e desenvolvimento do trabalho, tem como principal componente “o trabalho de campo, isto é, tentar encontrar respostas para as questões formuladas no final da primeira fase” (Katz & Chard, 2009, p. 167). Para tal, foram elaboradas mais duas teias que consistiam em saber como íamos descobrir as respostas às questões colocadas pelas crianças e o que queriam fazer no projeto. Tal como as teias anteriores, o registo fotográfico das teias mencionadas foi perdido, devido a questões informáticas.

Na elaboração da teia “Como vamos descobrir?”, as crianças revelaram ter alguma dificuldade em perceber como haviam de responder, sendo necessário dar algumas pistas. Na elaboração da teia “Que atividades queremos fazer”, inicialmente, as crianças estavam muito inibidas, mas após algum incentivo e sugestões do adulto conseguiram verbalizar os seus interesses. Analisando a intervenção do adulto neste processo, Katz e Chard (2009) referem que o educador pode dar sugestões e conselhos de forma a ajudar as crianças a formularem as suas descobertas e ideias.

<b>" Como vamos descobrir?"</b>	<b>"Que atividades vamos fazer?"</b>
"Nos livros." (F)	"Cupcakes coloridos." (E)
"No computador." (A)	"Um arco-íris gigante." (M)
"No tablet." (St)	"Pinturas." (ML)
	"Plasticina." (MO)
	"Um jogo." (SI)
	"Dançar". (B)

**Tabela 2** - Teia " Como vamos descobrir" e "Que atividades vamos fazer?"

A Fase 3 – Execução Esta é a fase mais extensa do projeto, uma vez que é nesta fase que são concretizadas as atividades que as crianças escolheram realizar. Esta fase iniciou-se com a pesquisa na Biblioteca da Escola acerca das questões inicialmente colocadas (“A cor branca faz o arco-íris” e “Como se forma o arco-íris?”).

A pesquisa foi realizada em grande grupo e em simultâneo em pequeno grupo, ou seja, enquanto a maioria das crianças do grupo procurava imagens sobre o arco-íris e sobre as cores, outras, em pequenos grupos, alternadamente, vinham ao computador, diziam o que queriam pesquisar e mobilizavam o teclado e o rato à vez, de forma a que

todos pudessem ter acesso e oportunidade às mesmas experiências. Como confirmam Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), os meios tecnológicos e informáticos são importantes no conhecimento do mundo e no contacto com outros valores e culturas, o que faz com que a sua utilização no JI seja considerada como um recurso de aprendizagem.

O desenvolvimento global da criança é influenciado pelas experiências que a criança vive e experiência. No sentido de promover uma aprendizagem holística, as crianças experienciaram atividades de várias áreas de conteúdo, que se complementam entre si, sendo estas a área do desenvolvimento pessoal e social, a área da expressão e da comunicação e a área do conhecimento do mundo.

No âmbito do domínio da expressão e comunicação, foram realizadas diversas atividades de Artes Visuais. Indo ao encontro de Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) “as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao educador alargar as suas experiências” (p.49). Neste sentido fomos à descoberta das cores, através da digitinta. Nesta atividade descobrimos que existem três cores primárias (o azul, a magenta e o amarelo) e que existem três cores secundárias (o verde, o laranja e o roxo) que surgem da mistura das cores primárias (Figura 2). Descobrimos, também, que todas as outras cores são terciárias.



Figura 1 - Descoberta das Cores Secundárias

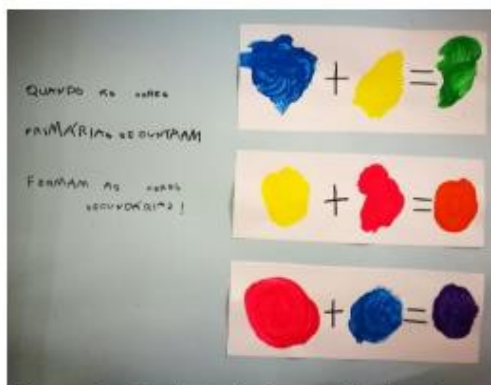


Figura 2 - Registo da Formação das Cores

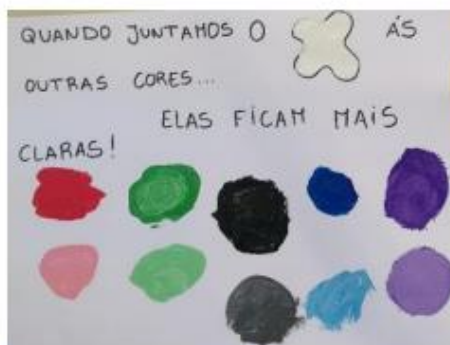
Na terceira atividade (Figura 3), intitulada pelas crianças como “Pintura de algodão”, “porque é fofinha” (ML), “porque parece a nuvem” (MO) e “Cheira beeeem!” (F) descobrimos que a cor branca faz com que as outras cores fiquem mais claras. Esta

técnica de expressão plástica consiste na mistura de espuma de barbear (branca), com a cola branca e corante alimentar, deixando uma textura suave, cheirosa e com relevo. “Se pusermos muita espuma e muita cola, a cor fica clara.” (D). (Notas de Campo de 27 de novembro de 2018).

Não foi realizada nenhuma atividade para perceber o que acontecia às cores quando misturamos a cor preta, pois foi algo que, de um modo geral, todas as crianças concluíram. Nesse sentido, efetuamos apenas o registo, de modo a comprovar a veracidade do que tinha sido constatado (Figura 5). Ainda no subdomínio das Artes Visuais, explorámos a conceção inicial que as crianças tinham do arco-íris, com recurso à plasticina (Figura 6), pois é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais.



**Figura 2 - Técnica "Pintura de Algodão"**



**Figura 1- Registo "A cor branca e as outras cores"**



**Figura 3 - Registo "A cor preta e as outras cores"**



**Figura 6 – Conceção inicial do arco-íris, com plasticina**

Para finalizarmos a descoberta e a exploração das cores, visto que o tempo que dispúnhamos para o projeto começou a ser reduzido, concretizámos a atividade da

massa de moldar, com ingredientes culinários (farinha, água, óleo e corante alimentar). Para além de explorarem diferentes texturas, o grupo aprendeu que mesmo sem plasticina podem brincar, criando eles próprios a sua massa (Figura 7). Esta atividade foi proposta porque a maioria do grupo apresenta dificuldade na representação do número e surge no âmbito da Matemática.

Segundo Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) “as crianças aprendem a matematizar as suas experiências informais abstraindo e usando as ideias matemáticas para criarem representações de situações que tenham significado para elas e que surgem, muitas vezes, associadas a outras áreas de conteúdo.”



**Figura 7 – Fazer massa de moldar colorida**

Posteriormente, à descoberta das cores decidimos, então, explorar e perceber porque é que a “Cor branca faz o arco-íris”. Partimos para a área do conhecimento do mundo, para a descoberta da Ciência e dos fatores naturais. De acordo com Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) o contacto com outros elementos da natureza e a sua observação “são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões porque acontecem.” (p.90).

A primeira proposta consistiu no visionamento de um vídeo da “TV Escola – De onde vem?”, neste caso “De onde vem o arco-íris?” (Episódio 5). Este foi um vídeo selecionado na Internet, dispõe de um conteúdo educativo e adaptado à faixa etária das crianças. Para o visionamento do vídeo foi necessário explicar algum vocabulário, visto que este se encontra em Português do Brasil e tem expressões pouco utilizadas por nós. A apresentação consiste na personagem do Sol a explicar a uma menina como é que o Arco-íris se forma, explicando que a luz branca do sol incide nas gotas de água e

refrata (desvia-se de direção) formando as 7 cores do arco-íris. A palavra «refração» deu origem a alguma inquietação, sendo que as crianças questionaram de imediato o que isso era.

A partir deste vídeo surgiram duas atividades realizadas e uma que ficou por realizar, sendo que irá ser realizada posteriormente. A primeira atividade consistiu na ida ao recreio, num dia de sol, procurar o arco-íris. Primeiro verificamos em que direção estava o sol, para que os raios pudessem incidir de forma correta nas gotas de água; de seguida pegámos no borrifador de água e começamos a borrifar água para o ar, foi então que o arco-íris apareceu. Com esta atividade conseguimos comprovar que para haver arco-íris é necessário que haja Sol e Chuva (Figura 8).



**Figura 8 – Como se forma o arco-íris**

A segunda atividade surgiu, porque na visualização do vídeo uma das crianças questionou o que era um prisma.

*“No decorrer do vídeo, foi explicado que o fenómeno das cores também podia ser visto através do prisma. No momento em que a personagem do Prisma aparece a falar, o F vira-se e diz “Joana, o qu’ê isso? O pisma?”; antes de conseguir responder a M, prontamente, disse “É um retângulo!”. Expliquei que era parecido com o retângulo, mas que o retângulo nós só conseguimos desenhar. Como tinha solicitado um prisma a um dos professores do 1º Ciclo, passei o prisma para que pudessem ver como era.”*

(Nota de Campo de 04 de janeiro de 2019)

Posto isto, as crianças quiseram experienciar a refração através da luz a incidir no prisma. Devido à perda de alguns registos, não foi possível anexar o registo da atividade.

No seguimento das atividades já referenciadas e indo ao encontro das atividades propostas pelas crianças, aprendemos a canção “O Arco-íris” do Panda e os Caricas”. Este momento de expressão musical permitiu que as crianças aprendessem mais facilmente a ordem das cores que constituem o Arco-íris (Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Roxo e Violeta).

De modo a fazermos uma revisão das aprendizagens e prepararmos o Jogo com o desenho do Arco-íris gigante e tendo já outra conceção do arco-íris, regressámos ao subdomínio das Artes Visuais. A penúltima atividade antes da preparação para a divulgação, consistiu na pintura individual do arco-íris numa folha, com a ordem correta das cores. Para tal, as crianças optaram por realizar uma pintura com guaches (Figura 9). Enquanto desenhavam, ouviam-se algumas crianças a cantar a canção, de modo a não se enganarem.



**Figura 9 – Conceção final do arco-íris**

No decorrer das atividades, antes da fase final da execução do projeto, pudemos contar com a participação de algumas famílias. De salientar, que embora tenham sido poucos os momentos em que as famílias participaram, foi gratificante ver a alegria das crianças, quando recebiam convidados na sala e a forma como interagem nas

atividades propostas pelas famílias, leitura de histórias e aprender as cores em Inglês (Figura 10).

O envolvimento das famílias surgiu por parte de um convite que foi enviado para casa, onde questionávamos a família do que gostariam de fazer com as crianças (caso tivessem disponibilidade) e quando teriam disponibilidade para vir partilhar o momento com o grupo. Do meu ponto de vista o envolvimento das famílias é crucial, uma vez que “os projetos podem ser um meio privilegiado de envolvimento dos pais no processo de aprendizagem (...) para isso importa que os pais sejam, desde início, informados da realização do projeto e convidados a participar. (Silva, 2005, p. 14)



**Figura 10 – Participação das Famílias**

A última atividade realizada com as crianças nesta fase, foi a construção do Jogo da Glória (Figura 11 e 12). A realização do jogo consistiu na pintura do Arco-íris gigante, na formulação de perguntas para as “Casas das perguntas” e na construção das regras. Na construção das regras, as crianças demonstraram alguma dificuldade, sendo necessária a ajuda do adulto.



Figura 11 – Tela para o Jogo da Glória



Figura 12 – Jogo da Glória

Houve atividades que ficaram por realizar, como por exemplo a conceção dos cupcakes coloridos, contudo estas vão ser concretizadas posteriormente, visto que irei acompanhar as crianças até fevereiro. De modo a consolidar as aprendizagens obtidas ao longo do projeto foi planeada uma visita ao Museu da Ciência Viva, no Pavilhão do Conhecimento em Lisboa, que tem uma atividade de Ciências designada Luz com Cor, que permite fazer um resumo do nosso projeto.

Terminadas as atividades que conseguimos realizar, dentro do período que dispúnhamos, passámos à fase da divulgação. Neste sentido, reuni com as crianças e elaboramos uma lista de tarefas que tínhamos de fazer, como saber qual o nome que íamos dar à nossa exposição e quem íamos convidar para ver o projeto e participar na dinâmica do Jogo da Glória.

A exposição dos trabalhos realizados e do registo fotográfico fez com que as crianças se sentissem orgulhosas do seu trabalho, das suas conquistas. Desta forma, as crianças “ficam motivadas para assimilarem novas informações com as quais vão enriquecer os seus conhecimentos” (Katz & Chard, 1998, p.175)

Na fase de **divulgação e avaliação do projeto** este foi sendo divulgado durante a sua construção, através da exposição regular das atividades realizadas. Contudo, concluídas as atividades definidas pelas crianças para responder às suas perguntas de partida impunha-se a sua divulgação junto das restantes crianças. Tal como refere Katz e Chard (1998)

“para que os saberes construídos por esse pequeno grupo possam contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem de todo o grupo, o processo

desenvolvido e os saberes adquiridos deverão ser comunicados e partilhados com as crianças que não participaram diretamente no projeto (p.104).

Os convidados referenciados pelas crianças, foram as crianças das outras salas de JI e os pais. Neste sentido, sugeri fazermos a nossa exposição, em conjunto com a exposição do projeto da Sala Vermelha, no átrio do Pavilhão do JI. Para a divulgação do projeto, foram realizados os convites para todos os convidados (figura 13) e decidido quem é que explicava o Jogo, quem é que ia realizar a experiência do prisma e quem ia explicar o aparecimento do arco-íris.

A exposição ocorreu em dois momentos, um no período da manhã e um no período da tarde, de modo a que as famílias pudessem visitar a exposição. Esta, por questões “logísticas” ficou exposta 2 dias, apenas. Infelizmente, a divulgação não correu como o desejado, apenas duas salas visitaram a exposição e realizaram as atividades e apenas duas mães puderam comparecer. Porém, as crianças conseguiram realizar as tarefas a que se tinham proposto, demonstrando responsabilidade e orgulho na concretização da tarefa.



**Figura 13 – Realização dos Convites**

Concluído todo este processo, considerei importante reunir com o grupo de crianças para recolher as suas opiniões sobre o trabalho desenvolvido. Relativamente aos conteúdos aprendidos, pelas crianças, este registo já havia sido feito antes da divulgação do projeto de forma a avaliar, e perceber se ainda restavam dúvidas ou curiosidades sobre a temática.

O projeto foi apresentado numa sexta-feira, no período da manhã e a avaliação foi realizada na terça-feira seguinte, no momento do tapete. Foi feito um ponto de situação no sentido de percebermos se o projeto correu bem, se foi ao encontro do que tínhamos planeado; o que ficou por fazer; o que gostaram mais e o que gostaram menos; quais as atividades em que tiveram mais vontade de participar no projeto e as que tiveram menos vontade e o porquê. Ao longo da conversa pude perceber, que, apesar de ter notado que existiram crianças em que o interesse oscilou em algumas atividades, o balanço geral foi muito positivo e estavam orgulhosas com o trabalho realizado.

De acordo com os dados recolhidos a atividade que mais gostaram foi a da descoberta do arco-íris, com 11 votos; 1 criança referenciou que gostou de tudo; 4 crianças referenciaram ter gostado de pintar o arco-íris gigante; e 2 indicaram que gostaram de fazer a massa de moldar.

Para as crianças com necessidades educativas especiais, tentei recorrer à partilha de imagens, dispondo as fotografias das atividades em que participaram, não obtendo sucesso na resposta. Não foi realizada uma avaliação do projeto junto das famílias, dada a ausência de participação das mesmas, o feedback passado pelas famílias que nos visitaram foi positivo.

Com vista a consolidar as aprendizagens provenientes das atividades inerentes ao projeto, foi organizada uma visita ao Centro de Ciência Viva, cujo objetivo era participarem na dinâmica “Luz com Cor”, que consistia em aprender o que é a luz? de onde vem? a diferença entre luz natural e artificial; quais os pigmentos da luz e as cores primárias e secundárias (Figura 14).



**Figura 14** - Centro de Ciência Viva em Lisboa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora incompleto, considero que a concretização deste portefólio permitiu efetuar um registo das tarefas que foram desenvolvidas ao longo da prática, assim como fazer uma retrospectiva das aprendizagens e desenvolvimento das crianças, baseando-me nas observações registadas.

O balanço das atividades desenvolvidas foi bastante positivo, embora com alguns aspetos menos positivos, como o envolvimento das famílias. Os objetivos estabelecidos com as crianças foram alcançados, consegui orientar e ajudar as crianças na implementação de um projeto significativo para todos, indo ao encontro dos seus interesses. Uma das dificuldades sentidas, foi o facto de nem sempre o planificado ser possível de realizar, dado que teve de haver uma conciliação com a planificação já estipulada pela educadora.

No que concerne ao projeto, este foi maioritariamente construído e delineado pelas crianças, o que traz maiores benefícios e aprendizagens para as mesmas. Como refere Beane (2003), “quanto mais um acontecimento é, significativo, mais profunda ou elaboradamente processado, mais situado em contexto, e mais enraizado num conhecimento cultural, de fundo, metacognitivo e pessoal, mais rapidamente é compreendido, aprendido e recordado.” (p.95). Assim, a minha postura foi de mediadora, e de promotora de competências, ajudando sempre as crianças quando solicitada, atuando na sua zona de desenvolvimento próximo (Vygotsky 1978).

Posto isto, e avaliando os objetivos definidos na ótica da criança, e mais centrados no projeto em si, considero que foram alcançados uma vez que as crianças conseguem diferenciar as cores primárias das cores secundárias, sabendo identificá-las e já conseguem explicar porque é que a cor branca faz o arco-íris.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – INFORMAÇÃO ÀS FAMÍLIAS



Caras famílias,

Informamos que a visita ao Centro de Ciência Viva, no Pavilhão do Conhecimento, situado em Lisboa irá realizar-se no dia 12-02-2019 (3ª feira). A partida do autocarro é às 9:00, pelo que pedimos que as crianças **estejam na escola às 8:30**.

Grata pela vossa atenção, compreensão e disponibilidade.

A Estagiária: \_\_\_\_\_

## ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PORTEFÓLIO



Caros Pais do \_\_\_\_\_

Sou aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa e frequento o Mestrado em Educação Pré-Escolar e no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada, Módulo I, encontro-me a realizar o estágio profissionalizante. Durante este período de estágio, que decorrerá entre o dia 01 de outubro de 2018 e o dia 21 de janeiro de 2019, irei realizar um Portefólio de Desenvolvimento de uma criança específica do grupo.

Este portefólio apresentará um conjunto organizado de demonstrações e manifestações, recolhidas através de fotografias, das produções, comentários da criança e dos adultos de referência, de modo a que o educador, a família e a criança possam observar e compreender o desenvolvimento e as diversas aquisições nos vários domínios.

Por motivos éticos, todas as informações recolhidas durante esta investigação, serão exclusivamente usados para fins académicos, sendo estes protegidos de forma a respeitar todas as questões de confidencialidade, sendo que, quando a sua elaboração estiver concluída, o presente portefólio será apenas entregue aos pais.

Por ter optado por desenvolver este portefólio de desenvolvimento sobre o/a vosso/a filho/a, serve o presente requerimento para solicitar a vossa autorização para a realização do mesmo.

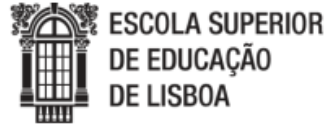
Grata pela vossa atenção, compreensão e disponibilidade.

A Estagiária: \_\_\_\_\_

Os pais/encarregados de educação: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## ANEXO C – AUTORIZAÇÃO REGISTO FOTOGRÁFICO



### Declaração

Caras famílias, sou aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa e frequento o Mestrado em Educação Pré-Escolar. Encontro-me a realizar o estágio profissionalizante (Prática Profissional Supervisionada, Módulo II).

Durante o estágio, que decorrerá entre o dia 01 de outubro de 2018 e o dia 20 de fevereiro de 2019, irei realizar algumas atividades com os/as vossos/as educandos/as. Neste sentido, ser-me-ia pertinente efetuar registos fotográficos ou vídeos desses momentos. É de salientar que as fotografias serão entregues à educadora e a vós. Estas serão apenas utilizadas no meu relatório de estágio, sendo que a identidade das crianças será ocultada e, desta forma, a sua privacidade respeitada.

Caso estejam de acordo e autorizem, solicito que assinalem com uma cruz no respetivo local e assinem.

Muito obrigada,

---

(Joana Gomes)